

inverídicos. Para tanto fora mister um estudo comparativo, uma refutação honesta, uma argumentação lógica, e isso só se consegue a custa de muito estudo sistemático e paciente, o que requer anos de devotamento para tentar provar possíveis inverdades em textos tão respeitáveis.

Mas não assim para os roustaingistas. Roustaing deixou-se contaminar pela moda da época, de conversar com os Espíritos; tomou gosto e quis tornar-se célebre, rivalizando ou superando Kardec. A vaidade foi a brecha por onde entraram os mistificadores. O resultado aí está: os Espíritos clericiais *fizeram um carnaval*; acabaram desorganizando na França o que Kardec paciente, humilde e sàbiamente havia organizado.

Em relação ao caso no Brasil, os mesmos mistificadores encontraram o terreno fácil, mercê da incultura geral do povo, da falta de conhecimento sistematizado de assuntos religiosos nas camadas mais cultas e, principalmente, da grande falha do brasileiro, no tocante ao conhecimento do livro singularíssimo, que é a Bíblia. O sincretismo religioso encarregou-se do resto.

Já é tempo de destruir o equívoco representado pelo roustanguismo.

III

Os leitores de AURORA que porventura se tenham interessado pelos artigos anteriores desta pequena série, onde vimos analisando o livro do Sr. Ismael Gomes Braga, intitulado "ELOS DOCTRINÁRIOS", devem estar lembrados do que ali dissemos. De início mostrámos estranheza ante a originalidade daquele autor em desprezar as velhas Bíblias respeitáveis, para dar preferência às edições recentes, "preparadas" no Brasil por padres católicos, onde certos textos, referentes a Jesus Cristo, são alterados, mutilados ou ajeitados, de molde a servirem como argumento em favor dos dogmas da Santíssima Trindade e da Imaculada Conceição. Ainda naquele artigo escolhemos dez pontos capitais, ou teses, contidas no referido livro, e nos propuzemos a sua refutação.

No sengundo artigo examinámos a primeira destas teses, que diz

I — "Que a missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo sr. Roustaing, "encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às revelações anteriores".

Discutindo-a, mostrámos que a fé é sentimento, é questão de foro íntimo, e isto não pode ser organizado por terceiros. Será, quando muito, despertada; mas nunca organizada. O Sr. Roustaing poderia apenas organizá-la em seu próprio foro, não no alheio. Mostrámos ainda que Allan Kardec o combateu e, pois, não o reconheceu como coadjutor ou missionário auxiliar; que se o Codificador houvesse cochilado sobre esse ponto, caberia a seus guias chamar-lhe a atenção; como não o fizeram, provavelmente também haviam cochilado; era então a vez de os Espíritos inspiradores de Roustaing, caso fossem realmente os quatro evangelistas, os apóstolos e Moisés, usarem de sua autoridade, decorrente da própria hierarquia espiritual, e darem um lembrete aos guias de Kardec.

Se não o fizeram é que sua autoridade e sua mesma identidade era muito suspeita.

Postas as coisas neste pé, prossigamos na análise.

Podemos grupar as seguintes teses:

II — “Que a obra exclusiva da Sra. Collignon tem hoje carácter de universalidade, porque os espíritos a confirmaram através de três médiuns: Zilda Gama, América Delgado e Francisco Cândido Xavier;”

III — Que Allan Kardec não combateu a teoria do corpo fluídico de Jesus; apenas a pôs de quarentena: posteriormente, como espírito, a apoia.”

* * *

Contestamos, baseado no bom-senso, a afirmativa de que a obra da Sra. Collignon tenha hoje — “*carácter de universalidade, porque os Espíritos a confirmaram através de três médiuns.*”

Quando uma coisa alcança um certo número de países, diz-se que é *internacional*; *universal*, pela própria etimologia, é aquilo que é peculiar ou relativo ao *universo*, isto é, à *totalidade dos países do mundo*. Ninguém sabia que um facto, ou a confirmação de um facto na Casa da Avenida Passos pudesse ter assim, e só por isto, um *carácter universal*. Até parece que esse “universal” é mera tradução da voz grega “*catholikos*” e que não estamos longe de ver a gente da ex-Casa de Ismael proclamá-la em Vaticano-mirim, como sede gestatória, beija-pés e andor para carregar o “*pontifex-maximus*”, à maneira dos cônsules romanos.

Se não bastar a inanidade do argumento do Sr. Ismael, bastará fazer algumas citações da obra de Kardec. É mesmo interessante seguir esta via, porque o Sr. Gomes Braga — e nisto

estamos de acordo — não admite que se mutile ou altere a obra de Allan Kardec.

Antes, porém, vejamos o caso dos três médiuns.

Francisco Cândido Xavier é médium que está desempenhando notável tarefa no cenário espírita nacional e não deve estar sendo metido levianamente em negócios escusos, pois escuso é usar o prestígio por ele conquistado entre os espíritas, para valorizar uma teoria que a maioria dos profíctentes da doutrina impugnã, e sobre a qual os seus guias mantêm um discreto silêncio. Aquele médium está sendo pela F. E. B. metido na questão roustanguista como Pilatos no Credo.

É possível que os espíritas recentes o ignorem: mas não faz ainda muitos anos o jornal MUNDO ESPÍRITA denunciou, em artigos assinados por pessoa de grande estatura moral e de projecção social — o Sr. General Araripe de Faria — um caso escabroso de adulteração de um livro psicografado por Francisco Cândido Xavier. É o caso de uma obra que se esgotou e, ao publicar a segunda edição, F. E. B. alterou certas passagens, afeiçãoando-as aos princípios roustanguistas.

Tão grave e indefensável era a acusação, que a Federação Espírita Brasileira remeteu-se ao silêncio: apanhou sem tugar nem mugir. Mas nem se arrependeu nem se corrigiu: antes seguiu

o prolóquio: "*Cesteiro que faz um cesto, faz um cento*".

Ora, os Espíritos que têm ditado livros a Francisco Cândido Xavier são criteriosos e equilibrados; não iriam dizer uma coisa hoje e outra amanhã, defender uma tese agora e atacá-la ou defender tese contrária mais tarde, que isto é privilégio de certos políticos; não iriam fazer alterações, corrigendas ou aditivos naquilo que disseram, e que deve ter passado pelo crivo de minuciosa análise. Admitindo mesmo que tivessem tido necessidade de o fazer, teriam tido aquele gesto de elementar elegância dos escritores probos e que sabem respeitar o seu público, para serem, também eles, respeitados; e, ou escreveriam um prefácio para a nova edição modificada, dando conta da alteração, ou poriam, no trecho alterado, uma nota em rodapé.

Fazê-lo subrepticiamente é marcar de suspeição o seu trabalho, quicã o próprio nome, porque deixam de *river às claras*, como manda o belo lema positivista.

Já agora nova suspeita é levantada contra outra obra psicografada por Xavier. Contra o médium? Não: contra os editores, contra a F. E. B. Levanta-a o Dr. Henrique Andrade, nome prestigioso nos meios espíritas do país, em AURORA, n.º 191, de 1.º de Abril do corrente ano.

É o caso de uma comunicação do espírito de Humberto de Campos, publicada em 1937 pela Federação Espírita Brasileira, no volume "*Crônicas de Além Túmulo*" e uma passagem do mesmo espírito, no seu livro "*Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*" recebidas ambas por aquele médium e esta publicada em 1938, ou seja apenas um ano após a primeira.

Na mensagem Humberto de Campos cita os mais destacados nomes que seguiram o rastro de Kardec. São eles, pela ordem de citação, tanto vale dizer, de importância: Camille Flammarion, Gabriel Delanne e Léon Denis, versando a cosmologia e a filosofia sob o ângulo espírita e "*inaugurando uma nova época para o pensamento religioso*".

Nem uma palavra, sobre Roustaing!...

Entretanto, um ano mais tarde, lá vem o mesmo Espírito, na segunda obra referida, dizer que o missionário Kardec "*contaria com uma plêiade de auxiliares de sua obra, destacados particularmente para auxiliá-lo, nas individualidades de Baptista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé, etc*"...

Agora Roustaing passou a perna naqueles três grandes vultos. É incrível que o Espírito do activo maranhense tivesse cochilado na pri-

meira mensagem. Como poderia ignorar, como ignorou, a segunda figura do Espiritismo, conforme a sua classificação, e que a F. E. B. hoje coloca ombro a ombro com Allan Kardec, se não um pouco acima?

Remetemos o leitor para o citado artigo de AURORA.

Agora seja-nos lícito registrar uma impressão que colhemos há muito tempo: a semelhança de estilo entre André Luiz, Humberto de Campos e Emmanuel, de um lado e as traduções da F. E. B., nestes últimos dez ou doze anos, do outro. Se se fizer um estudo meticoloso, além da linguagem demasiado rebuscada, encontraremos muitos similares nas páginas impressas e atribuídas àqueles Espíritos e a fraseologia dos dois mais "acreditados" tradutores da F. E. B. nesta fase.

Há um preciosíssimo de linguagem que não se compadece do nível cultural na massa espírita; há frases feitas e expressões de que fazem um emprego abusivo: dir-se-ia que são clichés. Em compensação as traduções contêm inúmeros lapsos, que denotam pouca segurança da língua original. Assim, por exemplo, expressões como estas: "*Deus não tem pontos de trevas*", quando no original o *point* não é ponto mas segunda negação; quando se pergunta se

o Templo pode usar o dinheiro da prostituição, que a lei condena e quando se diz que, na impossibilidade de recusa, seja tal dinheiro empregado na construção de sentinas, o tradutor verteu "guarda-robe" por guarda-roupa, o que é terrível ironia, mas altera o pensamento fundamental.

De cincadas que tais está cheia a obra traduzida pela F.E.B. O pior é que em muitos casos dá-nos períodos absurdos ou sem sentido.

Por tudo isto não é possível aceitar a inclusão de Francisco Cândido Xavier entre os médiuns que receberam mensagens pró-Roustaing. Além disso, os Espíritos que lhe têm ditado obras sabem quanto é delicado o problema e esperavam que o escândalo viesse a rebentar mais dia menos dia. Dando mostras de sua longanimidade, ladearam o assunto, deixando que os homens o resolvessem. Entretanto, cada vez mais a F. E. B. se afunda no erro imperdoável de torcer o pensamento de Kardec e até textos de Bíblia, não só para defender um ponto suspeitíssimo de doutrina, mas, já agora, para defender posições que foram tomadas de assalto.

Estamos convictos de que os directores da ex-Casa de Ismael não conseguiriam, perante ampla comissão de elementos anti-roustainguistas e de neutros, com a presença de médiuns viden-

tes de confiança, que Emmanuel, André Luís ou Humberto de Campos respondessem a um questionário apertado sobre a divergência Kardec-Roustaing.

Quanto aos outros dois médiuns, senhoras dignas de todo respeito, é preciso que, como médiuns, sejam consideradas independentemente de sexo, porque a mediunidade é dom do Espírito.

Terminantemente suas mensagens não podem ser aceitas ou, pelo menos, não podem ainda ser aceitas.

Valer-nos-emos das palavras de Allan Kardec; estão contidas em "*O Evangelho segundo o Espiritismo*", traduzido pelo Doutor Guillon Ribeiro, antigo presidente da F. E. B. e tem o volume de onde extraímos o trecho a indicação de 3.^a edição de 1947. Falando da "*universalidade dos ensinamentos dos Espíritos*", lemos, à página 19 e seguintes:

"Não é essa, porém, a única vantagem, que lhe decorre da sua excepcional posição. Ela lhe faculta inatacável garantia contra todos os cismas que pudessem provir, seja da ambição de alguns, seja das contradições de certos Espíritos. Tais contradições, não há negar, são um escolho; mas que traz consigo o remédio, ao lado do mal."

“Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que entre eles, como entre estes, há presunçosos e pseudo-sábios, que julgam saber o que ignoram; sistemáticos que tomam por verdades as suas ideias; enfim, que só os Espíritos da categoria mais elevada, os que estão completamente desmaterializados, se encontram despidos das ideias e preconceitos terrenos; mas também é sabido que *os Espíritos enganadores não escrupulizam em tomar nomes que lhes não pertencem*, para impingirem suas utopias. Daí resulta que, com relação a tudo o que seja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, *as relações que cada um possa receber terão carácter individual, sem cunho de autenticidade*; que devem ser consideradas opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que *imprudente fora aceitá-las e propagá-las levianamente como verdades absolutas.*”

“O primeiro exame probativo é, pois, sem contradição, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem excepção, tudo o que venha dos Espíritos. *Toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com a lógica rigorosa e com os*

dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Incompleto, porém, ficará este exame em muitos casos, por efeito da falta de luzes de certas pessoas e das tendências de não poucas a tomar as próprias opiniões como juizes únicos da verdade. Assim sendo, que hão-de fazer aqueles que não depositam confiança absoluta em si mesmos? *Buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta.* De tal modo é que se deve proceder em face do que digam os Espíritos, que são os primeiros a nos fornecer os meios de conseguí-lo.”

“A concordância no que ensinam os Espíritos é, pois, a melhor comprovação. Importa, no entanto, que ela se dê em determinadas condições. A mais fraca de todas ocorre quando um médium, a sós, interroga muitos Espíritos, acerca de um ponto duvidoso. É evidente que, se ele estiver sob o império de uma obsessão, ou lidando com um espírito mistificador, este lhe pode dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Tampouco garantia alguma suficiente haverá na conformidade que apresente o que se possa obter por diversos médiuns, num mesmo centro, porque podem estar todos sob a mesma influência.”

“Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as

revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns dos outros e em vários lugares."

"Vê-se bem que não se trata aqui de comunicações referentes a interesses secundários, mas do que respeita aos princípios mesmos da doutrina. Prova a experiência que, quando um princípio novo tem de ser enunciado, isto se dá espontaneamente em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, senão quanto à forma, quanto ao fundo". Os grifos são nossos.

Como se vê esta passagem de Kardec se ajusta como uma luva ao caso Roustaing: é a sua dissecação. Assim, ainda, é o próprio Kardec quem responde ao Sr. Gomes Braga. Dois médiuns da mesma casa, submetidos à mesma influência intelectual e espiritual, tanto de encarnados quanto de desencarnados, não podem pretender que suas afirmações, contrárias ao bom senso, à razão e à universalidade de um ensino que, baseado nos factos, se tem continuado através de mais de vinte e cinco séculos, sejam levadas a sério, a não ser neste aspecto único: o grande mal feito à doutrina do Cristo e à Terceira Revelação, que a confirma.

Vejamos agora a segunda tése.

Ela já está implicitamente combatida pelas palavras do Codificador, citadas acima. No en-

tanto, vamos adicionar mais alguma coisa. Em "Génesis", de Allan Kardec, cap. XIV, n.º 36, páginas 338 e 339, na tradução de António Lima, publicada pela F.E.B. em 1935, lemos:

"Deve-se notar que as aparições tangíveis só têm as aparências da matéria carnal, mas não as suas qualidades; em razão da sua natureza fluídica, não podem ter a mesma coesão, porque na realidade não é carne. Elas se formam instantaneamente, e do mesmo modo desaparecem ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. Os seres que nestas condições se apresentam não nascem nem morrem como os outros; vêmo-los ou não os vemos mais, sem se saber donde vêm, como vieram, nem para onde vão; não se poderia matá-los, prendê-los, nem encarcerá-los, porque eles não têm corpo carnal; os golpes que lhes déssemos cairiam no vácuo".

"Tal é o carácter dos agêneres, com os quais se pode conversar sem se saber o que eles são, mas que nunca se demoram e não podem tornar-se comensais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família."

No mesmo livro, cap. XV, n.º 65 a 67, páginas 400 a 402, temos:

"A vida de Jesus na terra apresenta dois períodos: o precedente e o seguinte à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até

ao nascimento, tudo se passa, com sua mãe, como nas condições ordinárias da vida. Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus actos, em sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, *apresenta os caracteres inequívocos da corporeidade*. Os fenómenos de ordem psíquica com ele produzidos são accidentais, e nada têm de anômalos, por se explicarem pelas propriedades do perispírito; encontram-se em diferentes graus, noutros indivíduos. *Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela um ser fluídico*. A diferença entre os dois estados é por tal forma acentuada, que não é possível assimilá-los.

“O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, e que diferem essencialmente da dos fluidos etéreos; a desorganização opera-se aí pela ruptura da coesão molecular. Um instrumento cortante, penetrando no corpo material, divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, param as suas funções, e a morte sobrevém, isto é, a morte do corpo. Esta coesão não existe nos corpos fluídicos, a vida não repousa sobre o jogo de órgãos especiais, e não podem produzir-se desordens análogas às que se produzem no corpo; um instrumento cortante, ou qualquer outro, penetra nele como num vapor, sem ocasionar lesão algu-

ma. Eis a razão por que essas espécies de corpo *não podem morrer*, e por que os seres fluídicos, designados por *agêneres*, não podem sofrer a morte.

“Depois do suplicio de Jesus, o seu corpo *líficou, inerte e sem vida*; foi sepultado como os corpos comuns, e todos puderam vê-lo e tocá-lo. Depois de sua ressurreição, quando quis deixar a terra, não tornou a morrer; seu corpo *elevou-se, apagou-se e desapareceu, sem deixar vestígio algum* — prova evidente de que esse corpo era de natureza diferente daquele que morrera na cruz, donde é preciso concluir, que *se Jesus morreu, é porque tinha um corpo carnal*”.

“Em consequência das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede de sensações e dores físicas, que se repercutem no centro sensitivo do Espírito. Não é o corpo que sofre; é o Espírito que recebe a repercussão das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Em um corpo privado do Espírito a sensação é absolutamente nula; pela mesma razão, o Espírito, que não tem corpo material, não pode sentir os sofrimentos resultantes da alteração da matéria, donde é preciso igualmente concluir que, *se Jesus sofreu materialmente, como não se pode duvidar, é porque ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de qualquer pessoa*.

66 — Aos factos materiais juntamos considerações morais poderosíssimas.

“Se Jesus estivesse, durante a sua vida, nas condições dos seres fluídicos, não teria sentido dor, nem nenhuma das necessidades corporais; supor que assim foi, é tirar-lhe todo o mérito da vida de privações e sofrimentos que escolheu para exemplo de resignação. Se tudo nele só era aparência, todos os actos de sua vida, o anúncio reiterado de sua morte, a cena dolorosa do jardim das Oliveiras, a súplica a Deus para afastar de seus lábios o cálice, a sua paixão, a agonia, tudo, até ao seu último grito no momento de entregar o Espírito, não teria passado de um vão simulacro para enganar quanto à sua natureza e fazer crer no sacrifício illusório de uma vida, uma simples comédia indigna de qualquer homem de bem, e com maior razão de um ser tão superior; em uma palavra, ele teria abusado da boa fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as consequências lógicas desse sistema, consequências que não são admissíveis, porque isso seria rebaixá-lo moralmente, em vez de elevá-lo.”

“Jesus teve, como toda a gente, um corpo carnal e uma corpo fluídico, o que atestam os fenómenos materiais e os fenómenos psíquicos que lhe assinalaram a vida.”

67 — Esta concepção sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No quarto século,

Apolinário de Laodiceia, chefe da seita dos *Apolinaristas*, pretendia que Jesus não tivesse possuído um corpo como o nosso, mas um corpo *impassível*, que descera do céu no seio da Santa Virgem, e não nascera dela; que, por essa forma, Jesus não havia nascido nem sofrido, e que só morrera em *aparência*. Os Apolinaristas foram anatematizados no concílio de Alexandria, em 360; no de Roma, em 374; e no de Constantinopla, em 381.”

“Os *Docetas* (do grego *dokein*, aparecer), seita numerosa dos *Gnósticos*, que subsistiu durante os três primeiros séculos, tinham a mesma crença.”

Os grifos ainda são nossos.

Diante de tal clareza de exposição, o Sr. Gomes Braga fica entre as farpas do seguinte dilema: ou s. s. não conhece a obra de Allan Kardec, ou faz muito pouco caso do bom senso e da memória dos Espíritas. Numa, como na outra hipótese, s. s. revela-se como não estando à altura de um cargo na direcção que, por todos os títulos, deveria ter o Espiritismo no Brasil.

Se Allan Kardec se houvesse manifestado aos directores da F.E.B., a fim de se desdizer e apoiar a tese roustainguista, por certo não teria demonstrado degradação de seu carácter: aquela capacidade de minúcia, aquela precisão de análi-

se tê-lo-iam levado a encarar honestamente o assunto e, lizamente confessando seu equívoco, teria encarregado a direcção da casa de fazer aquela revisão em sua obra que, há já cerca de sessenta anos, a influência roustaingista em vão tentou executar, para adaptá-la aos interesses roustaingistas, tanto vale dizer, para entregar a direcção espiritual da doutrina ao anticristo.

E' por tudo isto que continuamos pensando que a Verdade está na Bíblia e que os espíritas precisam aí encontrá-la; que as palavras do Cristo não passarão e, por isso, não lhe cairão nem um til nem um jota: finalmente, que o roustaingismo é um equívoco, que precisa ser destruído quanto antes.

IV

NO PRIMEIRO artigo fizemos considerações gerais sobre o livro do Snr. Ismael Gomes Braga — ELOS DOCTRINÁRIOS — no qual s. s. tem o objectivo principal de convencer os leitores de que:

a) Roustaing foi um missionário auxiliar junto a Kardec, com a tarefa específica de organizar o trabalho da fé;

b) que Kardec não combateu a teoria de Roustaing;

c) que, posteriormente, como Espírito, a apoia;

d) que Jesus Cristo não foi homem;

e) que a obra exclusiva da Sra. Collignon tem hoje carácter de universalidade, porque foi confirmada através de três médiuns.

No segundo artigo refutámos o primeiro dos dez itens em que dividíamos o assunto, a saber: I — que a missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo Sr. Roustaing, “encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às Revelações anteriores”.

No terceiro refutámos, com abundância de argumentos, duas teses, a saber :II — que a obra